

Entrevista com Grupo Carmona SA

Vítor Carmona

administrador

www.carmona.pt

Com quality media press para Expresso / El Economista

Quality Media Press – Fale-nos um pouco da história do Grupo Carmona.

R. – A empresa Carmona já tem quase 30 anos de vida. Começou no sector muito pequeno em Portugal, na recolha dos óleos usados. A história começa na recolha de óleos e encaminha-los para a indústria da cerâmica. Depois a legislação foi alterando e nós fomos adaptando e fomos entrando mais no mundo dos resíduos. Nós sempre estivemos muito virados para o tipo de resíduos que se possam aproveitar para a produção energética. A primeira empresa foi a Carmona Sociedade de Limpeza, depois tivemos uma parceria, entrou um capital duns alemães a Lobbe. Com um know-how a nível de resíduos bastante evoluído, fizemos uma parceria compraram 51% da empresa. Começamos a trabalhar em conjunto, as coisas não correram da melhor forma e os alemães começaram a desinvestir, falamos dos anos de 2000. Nós acabamos por adquirir as nossas participações e ficamos com a empresa deles em Portugal e nasceu a Carmona Sociedade de Limpeza que já existia, a Carmona Global de Resíduos Perigosos, situada no Barreiro e ainda criamos outra empresa só virada para os transportes de uso próprio e recentemente criamos uma empresa em Espanha que é a Buranda.

Q. – Qual o volume de facturação do grupo?

R. – Facturamos cerca de 10 milhões de euros.

Q. – Porque escolheram a Espanha para início da vossa internacionalização?

R. – Nós em Portugal fomos crescendo e Portugal é um país muito pequeno, é muito difícil numa empresa na nossa área que se especialize num sector só ter perspectivas de crescimento, ou seja, enquanto que em Espanha existem empresas específicas na mesma área tem quantidade para crescer, nós em Portugal não temos. Nós diversificamos muito, neste momento tratamos hidrocarbonetos, fazemos limpezas industriais até 1200KG de pressão, fazemos movimentação de resíduos perigosos. Para as linhas de resíduos que existem já estamos em quase todas elas. Como já trabalhamos com loijas espanholas há 10 anos e fomos conhecendo o mercado espanhol. Percebemos que no mercado espanhol não há uma empresa que trabalhe em tantas áreas de negócio, quando entramos num cliente ele prefere trabalhar com uma única empresa do que com várias para satisfazer as suas necessidades, nós oferecemos uma gestão global.

Q. – Como iniciaram o vosso trabalho em Espanha?

R. – Neste momento abrimos uma empresa em Espanha onde está envolvido o capital do funcionário espanhol que temos. Começamos há 1 anos no sul, investimos num armazém de transferência de resíduos a ideia é começar primeiro nas oficinas e depois pensamos nas limpezas industriais. É um processo que vai demorar alguns anos e a situação económica espanhola também não está muito favorável. Pretendemos chegar a um cliente e oferecer um bom serviço de gestão global para que possa poupar dinheiro.

Q. – O mercado português e o espanhol são semelhantes?

R. – Eu penso que o mercado ainda tem diferenças acentuadas na área de gestão de resíduos. O mercado espanhol é muito grande tem 44 milhões de habitantes, enquanto que em Portugal dominamos na gestão global de resíduos. As diferenças encontram-se no volume de negócio e na oferta de serviços.

Q. – A empresa é competitiva a nível ibérico?

R. – Penso que sim, é a minha opinião.

R. – A reciclagem em si não é um sector em que o Grupo estava instalado. No entanto há duas vertentes que são importantes, em Portugal comparando com a Espanha existe a dimensão do mercado. Os investimentos que são necessários fazer a reciclagem por exemplo numa regeneração de óleos usados, a necessidade de investimento comparando com a dimensão do mercado, em Portugal produzimos 30 mil toneladas por ano para fazer uma instalação de reciclagem e o mercado fica absolutamente absorvido. Em Espanha tem o efeito de multiplicador a nível de investimentos é maior devido a sua dimensão.

Gostava de voltar um pouco a trás e falar da internacionalização.

A Carmona começou a ter contactos internacionais com Espanha e com outros países como a França, Bélgica na década de 90 porque a legislação obrigava os produtores a encontrarem soluções para os resíduos mas o país não tinha soluções para os resíduos perigosos. A Carmona foi pioneira nessa matéria a pesquisar no mercado internacional soluções para este tipo de resíduos. A pouco e pouco a Carmona foi desenvolvendo um know-how próprio, foi este facto que nos deu uma notoriedade grande neste sector ambiental. Esta notoriedade internacional aliada às visitas que nos são feitas por técnicos países reconhece na nossa unidade industrial que é o melhor que se faz na Europa a nível no tratamento dos hidrocarbonetos. O conhecimento que fomos tendo dos vários países que contactamos e com a relação que temos com Espanha justifica um pouco o passo que demos, a barreira dos 10 milhões não foi a determinante para nós darmos um salto para o mercado espanhol. Em Portugal já existe muitas empresas a trabalhar em reciclagem dos resíduos.

Q. – Onde gostaria de ver posicionada a empresa dentro de 5 anos?

R. – Temos duas linhas base, nós estamos inseridos na área ambiental no tratamento de resíduos. O que o Grupo Carmona pretende fazer é alargar a nossa actividade no sentido de a conjugar com as preocupações centrais e reduzir as alterações climáticas. Há varias politicas que estão definidas que é desenvolver acções no sentido de reduzir a dependência do petróleo e combater as alterações climáticas. Nós vivemos no cerne dos resíduos que podemos colocar-nos na produção de energias alternativas e também nos posicionarmos no tratamento dos resíduos transformando-os em matérias-primas secundárias. O pretendemos é potenciarmo-nos noutras áreas mais evoluídas com graus superiores de desenvolvimento. Temos condições para o fazermos, temos instalações industriais e equipamento.

Q. – Gostariam de acrescentar algo a esta entrevista?

R. – Reforçando o que já foi dito, os nossos objectivos são a expansão para podermos transformar tudo o que seja resíduos orgânicos em energias alternativas. Temos vários projectos em carteira para biodisel, cimenteiras e outras fábricas para transformar em combustíveis, é o nosso futuro a nossa estratégia e penso que ate 2013 alem de estar em Espanha gostaríamos de estar em mais países. Já nadamos a estudar Angola. O que nós queremos é tentar levar a nossa empresa para as energias alternativas que são as energias do futuro.